

Já há um método para analisar e detectar a perigosa “krokodil”

Drogas
Susana Pinheiro

Equipa diz que o método que desenvolveu pode ajudar hospitais e polícia a combater droga altamente destrutiva

É coordenada por investigadores portugueses a única equipa que já desenvolveu métodos laboratoriais para analisar a “krokodil” e detectar a sua presença no sangue e na urina. Esta droga, altamente destrutiva, tem como principal componente psicoactivo o opióide semi-sintético desomorfina. Foi detectada há uma década na Rússia. Em Portugal, o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) só tem registo de um caso de consumo até agora.

“Esta é a mais recente droga de abuso que está a alarmar a comunidade clínica e forense internacional por ser a mais destrutiva e não haver nenhuma outra no mercado que seja tão ácida, agressiva e corrosiva”, diz o toxicologista Ricardo Dinis Oliveira, coordenador da equipa de investigadores, na Cooperativa de Ensino Superior, Politécnico e Universitário (CESPU).

A “krokodil” é uma das substâncias em foco a 30 e 31 deste mês, na Alfândega do Porto, durante as Jornadas Científicas da CESPU e o II Congresso da Associação Portuguesa de Ciências Forenses.

Os investigadores querem agora disponibilizar os métodos de análise que desenvolveram aos hospitais, autoridades policiais e Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses para que consigam identificar a substância e travar a sua propagação. E, no caso dos hospitais, tratar intoxicações. “Se uma pessoa dá entrada intoxicada com ‘krokodil’, já pode ser tratada para essa realidade e não para outra, como heroína ou intoxicação farmacológica.”

Os efeitos aditivos e tóxicos da droga – conhecida por “krokodil” por causa da aparência escamosa e esverdeada que provoca na pele dos consumidores depois de administrada por via intravenosa – “são muito graves e imediatos após a primeira toma, como a descoloração da pele e o aparecimento de úlceras, necrose

e flebites e, no limite, podem levar à amputação dos membros”.

O que os toxicodependentes fazem, muitas vezes, é administrar a droga noutros membros do corpo enquanto o outro cicatriza. E tentam criar técnicas de purificação caseira para administrar uma droga menos tóxica – algo que foi constatado na Geórgia por uma das investigadoras do grupo, Emanuele Alves, da Polícia Civil do Rio de Janeiro, que, no âmbito da sua tese de doutoramento em Ciências Forenses, na CESPU, observou e filmou toxicodependentes a confeccionar “krokodil”, bem como os efeitos da droga após a administração.

Lesões ósseas, nas cartilagens e músculos são comuns. E podem ocorrer lesões neurológicas. “A morte pode resultar das múltiplas patologias,

sobretudo de natureza infecciosa, ou mesmo por depressão respiratória.”

A investigação começou há quatro anos e conta na equipa, além de Ricardo Oliveira, com os professores Félix Carvalho e Carlos Afonso, da Faculdade de Farmácia da Universidade do Porto, e o professor Annibal Netto, da Universidade Federal Fluminense do Brasil. Também colaboram investigadores da República Checa, Geórgia, Holanda e Brasil. Uma vez em Portugal, reproduziram em laboratório a “krokodil”, que apresenta um aspecto amarelo claro. Utilizaram substâncias legais, como codeína – um antitússico e analgésico que “já é alvo de políticas de restrição na Rússia” –, soluções para a limpeza das canalizações, solventes orgânicos, iodo e fósforo.

“Com coisas tão simples produz-se a droga mais perigosa do planeta”, diz Dinis Oliveira, que fala da necessidade de haver controlo na venda de codeína nas farmácias.

“Caracterizámos o processo de síntese, verificámos o que dele resulta e conseguimos perceber que é um análogo da heroína. A partir daqui, podemos ajudar na investigação policial e pericial”, diz. Em Portugal, acrescenta ainda, a informação sobre casos de consumo é escassa. Mas há alguns “reportados pela comunidade médica em reuniões científicas”.

O director-geral do SICAD, João Goulão, confirmou ao PÚBLICO a sinalização na base de dados e sistema de informação e de alerta rápido de apenas um caso “de utilização de ‘krokodil’, na região do Barreiro”. Desconhece a existência de outros.



É a mais recente droga de abuso. E está a alarmar a comunidade clínica e forense internacional por ser a mais destrutiva

Ricardo Dinis Oliveira
Investigador



Investigadores reproduziram em laboratório a “krokodil”



Marroquinos passaram pelo centro de acolhimento da Bobadela

Suspeitos de terrorismo viajavam muito para fora quando viviam em Portugal

Segurança
Ana Henriques

“Eram utentes normalíssimos”, diz responsável por centro em Aveiro onde marroquinos viveram sete meses

Enquanto residiram em Portugal, os suspeitos de terrorismo de nacionalidade marroquina Abdessalam Tazi e Hicham el Hanafi passaram grande parte do tempo a viajar para fora. “Eram pessoas com grande mobilidade, quase nunca estavam” no país, facto que terá contribuído para reforçar as suspeitas que as autoridades portuguesas tinham sobre eles, explicou fonte ligada à investigação.

Tanto Abdessalam Tazi, que tem 63 anos e foi na quinta-feira à noite colocado em prisão preventiva na cadeia de alta segurança de Monsanto, depois de ter sido extraditado da Alemanha para Portugal, como Hicham el Hanafi, com 26 anos, obtiveram o estatuto de refugiados quando entraram em Portugal, em 2014. Passaram pelo centro de acolhimento de refugiados da Bobadela e estiveram depois a morar num centro social do distrito de Aveiro, o Cesda, da Igreja Evangélica Metodista portuguesa. “Estiveram no nosso centro de acolhimento entre Novembro de 2013 e Junho de 2014. A partir dessa data autonomizaram-se”, conta a responsável por este centro, Liliana Marques, que garante que nenhum deles ali levantou suspeitas na altura: “Eram utentes normalíssimos.”

Só mais tarde, em 2015, e durante ano e meio, começaram a ser investigados por suspeitas de ligação

ao Daesh. Primeiro pelo Serviço de Estrangeiros e Fronteiras e depois pela Unidade Nacional de Contra-Terrorismo da Polícia Judiciária. A colaboração das autoridades portuguesas terá sido relevante na detenção de Hicham el Hanafi em Novembro, em França. Estaria, juntamente com outros terroristas, a preparar um ataque. Foi detido com outros seis suspeitos jihadistas, de nacionalidade francesa e afegã, durante uma operação levada a cabo em Estoril e Marselha.

Já o seu colega mais velho, Abdessalam Tazi, ex-polícia, estava a cumprir pena na Alemanha por um crime de delito comum – uma fraude –, tendo sido no final da saída da prisão extraditado para Portugal na sequência de um mandado de detenção internacional por suspeitas de terrorismo. Portugal será o país que, pelos indícios recolhidos, estará em melhores condições de o levar a julgamento.

Enquanto isso não acontece, terá de se sujeitar a um isolamento quase total nas duas primeiras semanas que passar em Monsanto, uma prática habitual para quem entra nesta cadeia: só poderá contactar com os guardas, e não com os restantes reclusos, e se quiser frequentar o recreio por enquanto terá de o fazer sozinho. Quando entrar na rotina desta prisão já poderá estar ao ar livre com mais dois reclusos – mas não mais do que isso, devido às apertadas normas de segurança, que fazem com que todas as refeições sejam tomadas nas celas. Dimensionada para cerca de 130 reclusos, Monsanto conta neste momento com apenas 58, tantos como os guardas que ali existem.

ana.henriques@publico.pt